ANO 7.º — Sexta-feira, 10 de Abril de 1914 — NUMERO 317

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso $02
REDACÇAO E ADMINISTRAÇAO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impressô na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

INCICLICA

II

Qui habet aures audiendi, audiat.
Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça.

Evangelho

Padres!
Em consciencia, eu não vos tenho ódio
Vendo em vossa doutrina um simples episodio
Da Mentira a vestir os trajos da Verdade.
Para vos odiar, o meu coração ha-de
Encher-se de rancor quasi p'ra toda a gente
Pois que, se bem contar, mais de metade mente.
Mas se odio não merece a vossa hipocrisia
Quero, serenamente, á luz viva do dia
Pegar no bisturi e, firme, escalpelar
A vossa velha ronha em artes de intrujar
P'ra, se possivel fôr, em vossa consciencia,
Fazer-lhe despontar os clarões da Sciencia!...

O credo natural, panteista, traduz
Bem melhor do que o vosso os sonhos de Jesus,
Se acaso ele viveu, na verde Palestina
Aonde a sua voz suave e peregrina
Consolava na dôr as pobres multidões.
Hoje, elas são p'ra vós magnificos filões
De mina a explorar, fazendo do sacrario
A correta edição do conto do vigario!
Vendendo o Paraiso, os Anjos, Deus e tudo
Que fórma o seu recheio, em troca dum escudo
Outro nome não sei que ao negocio dar possa,
Pois que, bem o sabeis, é tudo invenção vossa!...

Assim, só deformaes os cerebros humanos
Dando-lhe a esborgar indigestos tutanos
Duma teologia estupida e balofa
Como a palha banal da bôa enxerga fofa
Aonde a ressonar como um basso profundo
Sonhaes, duma só vez, engolir todo o Mundo.
Acordae desse sonho, espancae a preguiça
Pois não soma trabalho o engrolar a missa
Engolindo, em jejum, o vinho consagrado
Que vos póde subir ao toutiço, marcado,
Como se faz no campo ás bestas que tem manha
De quem o tratador alguns coices apanha!...
Acordae desse sonho e vinde comungar
Na sã rèligião dos que andam a lutar
Na conquista do Bem, da Paz e da Alegria
Pedindo á Natureza o pão de cada dia
Mas dando util trabalho em troca desse dom;
E nunca, como vós, cantando em vário tom
Funebre cantochão e missas e sermões
Com que parasitaes as nescias multidões,
Pois que, não o negueis, é esse o vosso fim
Ao subir ao altar, mastigando latim!...

A eterna Natureza, a mãe de todos nós,
Que ha cem mil anos viu nascer nossos avós,
No solo terciario, em sombrias cavernas,
Renega o vosso Deus já tropego das pernas
Pois o representaes como um velho entrevado,
De barba por fazer, no céu sempre sentado.
A vossa Creação, Genesis de entremez,
Na verdade contém pêtas de tal jaez,
Que é necessario ser profundamente burro
P'ra não vos responder em logica de murro,
Fechando ambas as mãos, em gesto á S. Francisco,
Das penas infernaes, correndo, embora, o risco.
O biblico Jeová manipula um Adão
Num pedaço de barro, e, feito assim á mão
Sem mesmo ser cosido em primitivo forno
Ou aperfeiçoado a qualquer velho torno,
Sae logo um manipanço a andar no Paraiso
A quem co'um sopro só lhe faz nascer o siso
Mais tarde ao manipanço arranca uma costéla
E eis que Eva nasceu, tão perfeita e tão béla
Que faz apaixonar o proprio diabo
Desde as unhas dos pés té á ponta do rabo!...
Não fica por aqui. Com fome, de manhã
Um dia, o pobre Adão engole uma maçã
E aí temos nós donde vem todo o mal,
Eterna maldição, pecado original,
Que só com o batismo ha-de desaparcer
Como faz a bensina a uma nodoa qualquer!...

O' Padres, é preciso inventar outra léria
Pois esta, com franqueza, é cousa pouco séria
Para servir de base a qualquer teoria
Inda que ela se funde em vã teologia.
A prova de que Deus não quer saber da Terra,
Se por ventura existe, é vêr que não vos ferra
Com um raio em cima, ouvindo as heresias
Que, Padres, vós dizeis todos os santos dias
Em balofos sermões contra a luz da Verdade,
Preceitos de Justiça e ideaes de Bondade.
Se é simbolo da Paz, o Deus das vossas crenças
Vós só prégaes a guerra, erguendo desavenças
Entre os pobres mortaes com vosso odio sectario
Usando a arma vil do confecionario:...
Simbolo do Perdão?... Vós não perdoaes nunca,
E se mais não ferraes a vossa garra adunca
E' com medo á Lei que vos cortou bem rentes
As unhas do rancor aos que chamaes descrentes!...

Padres!
E' tempo já de fazer penitencia
Perante o tribunal da humana consciencia,
Renegando a Mentira e deixando que a Luz
Da Justiça e do Bem que á Verdade conduz,
Nos vossos corações, em jorros, possa entrar,
Pois só fazendo assim podereis comungar
Com os que adoram Deus amando a Natureza
Em canticos d'Amor, de Paz e de Beleza!...

Ilhavo, abril de 1914

Samuel Maia

TALASSAS, OUVI:

«Pódem faltar-lhe o poder de instrução de Castelar, a elegancia de Cicero ou a veemencia olimpica de Demostenes, mas do que um grande parlamentar moderno não póde prescindir é do perfeito conhecimento ou da rapida intuição dos negocios publicos e das ideias geraes do seu tempo que os dois Pitt, Thiers, Gambetta, Waldeck Rousseau e agora Clemenceau, Jaurés e Viviani tem de memoria e obedientes á primeira vós. Esse perfeito conhecimento, essa rapida intuição dos negocios publicos nenhum parlamentar português as possue tão completamente como o dr. Afonso Costa. Os seus estudos universitarios foram solidos e profundos e do que ele é e vale como jurisconsulto falam centenares de minutas, contra minutas, alegações e arrasoados dispersos por todos os tribunaes do país. O saber e o tino juridicos são, porém, apenas um aspecto do talento extremamente complexo do sr. dr. Afonso Costa, cuja cultura abrange um peculio enorme de conhecimentos e cuja mestria e sagacidade encontram o seu verdadeiro campo de acção no parlamento onde entrou como se lá tivéra nascido e onde rapidamente conquistou um lugar que ninguem póde disputar-lhe. Os dotes que distinguem o sr. dr. Afonso Costa como orador parlamentar são a logica, a força e a sugestão associadas a uma posse de si que jámais se altera até nos momentos de maior veemencia De todos os grandes oradores tem costela, mas de todos se distingue pela sua individualidade inconfundivel e cheia de imprevisto.»

Cunha e Costa

Ditosos tempos aqueles em que o biografo do sr. Afonso Costa ainda sabia escrever...

Junta Geral do Distrito

Reuniu no sabado a comissão executiva, sob a presidencia do sr. dr. Marques da Costa, secretariado por Arnaldo Ribeiro. Presentes os restantes membros: dr. Elisio Sucena, dr. Samuel Maia e Elisio Feio.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, procedeu-se á leitura do expediente entre o qual se encontrava o balancête do tesoureiro acusando a existencia dum saldo de 182$44.

Resolveu responder a uma circular da Junta Geral de Lisboa dando-lhe conta de ter sido escolhido delegado á grande reunião que por sua iniciativa se deve realisar dentro em breve, na capital, para protestar contra o golpe que as ameaça, o cidadão presidente, dr. Marques da Costa.

Tomou conhecimento dum oficio do Ex.mo dr. Augusto Ferreira Gil, comunicando a sua posse do cargo de governador civil deste distrito e oferecendo a sua mais firme e leal cooperação em tudo quanto dependa das suas atribuições oficiaes.

Em seguida deliberou mandar sindicar a confraria do Santissimo da freguezia de Esgueira, escolhendo para esse trabalho o cidadão Arnaldo Ribeiro e como secretario o cidadão Viriato Fernando de Souza.

Concedeu autorisação ao cidadão Domingos dos Santos Gamelas Junior para retirar da secção José Estevam do Asilo Escola uma internada, conforme as condições de um requerimento apresentado.

Aprovou os orçamentos para o ano economico de 1913-1914 das seguintes irmandades: do Sacramento, freguezia de Moldes, concelho de Arouca; das Almas, da freguezia e concelho de Oliveira do Bairro; do Santissimo, da freguezia de Antá, do Sacramento, freguezia do Souto, das Almas, da mesma freguezia, das Almas, da freguezia de Romariz, do Sacramento, da mesma freguezia e do Sacramento da freguezia de Lourido, todas do concelho da Vila da Feira.

Por fim autorisaram-se vários pagamentos e distribuiram-se contas, para julgamento, de diversas irmandades.

CONGRESSO DA REPUBLICA

Em reunião conjunta das duas câmaras foi na terça-feira resolvido prorogar até 16 de maio a presente sessão legislativa ficando tambem difinitivamente deliberado que, finda ela, terminará o mandato dos atuaes legisladores, que, em abono da verdade, devemos dizer, não corresponderam, em parte, á nossa espectativa, nem ás conveniencias da Republica. Mas isso são contos largos.

Por agora basta que fiquem consignadas as duas importantes deliberações do Congresso e que a elas se junte o novo incidente produzido pelas palavras, durante a sessão, do senador João de Freitas, que mais uma vez mostrou ter, efectivamente, uma aduela de menos.

Nem outra coisa é para supor dum homem que para o parlamento vai chamar *apaches* da Republica aos colegas sem respeito pelo logar ou qualquer consideração pelo mandato recebido do eleitorado que, de cérto, não pódem ser com ele solidario.

Quem o viu e quem o vê!...

A administração da Republica

Valem por tudo quanto pudéssemos dizer em longos artigos sobre a honésta administração dos dinheiros do país, os numeros que constituem a nota das contas do Estado aparecidas no fim da ultima semana em suplemento ao *Diario do Govêrno* e que são um resumo eloquente da maneira como teem corrido os negocios financeiros desde que em 5 de Outubro o Povo, o Exercito e a Marinha atassalharam a monarquia, sepultando-a.

Que a nação veja, que a nação atente na diferença que existe entre o proceder de ontem e o proceder de hoje, entre o passado e o presente, comparando-o com a obra produzida já, verdadeiramente patriotica, indestrutivel, insofismavel, pela gloriosa Republica Portuguêsa.

Acima de quaesquer palavras estão as cifras. Vejam-se, portanto, as cifras descritivas, as cifras que dizem tudo:

Receitas ordinarias e extraordinarias cobradas na gerencia de 1913-1914	**45.889:996$**
Receitas na gerencia de 1912-1913.	**39.904:328$**
Diferença para mais em 1913-1914.	**4.984:329$**
Despêsas ordinarias e extraordinarias na gerencia de 1913-1914	**39.021:553**
Despêsas na gerencia de 1912-1913.	**40.055:991$**
Diferença para menos em 1913-1914.	**1.034:438$**
Excesso da receita sobre a despêsa, ou saldo, em 1913-1914	**6.867:771$**
Excesso da despêsa sobre a receita. ou «deficit» em 1912-1913.	**150:995$**

Então já?!

Habituados, como estâmos, a lêr a *Liberdade* — nós, ao menos, não escondemos hipocritamente nenhum dos nossos actos—claro que. nos não podia passar despercebido o que no penultimo numero lá vem publicado na secção — *Varia* — onde, textualmente, se dizem estas verdades:

Individuos ha, para quem a Republica foi uma mina... que outros descobriram e trabalharam e que eles habilmente exploram.

Em toda a parte se encontram destes arrangistas profissionaes que trazem consigo sempre um guarda-roupa arco-iris, que lhes permite tomarem todas as côres do espectro com a facilidade de um transformista de teatro.

Talassissimos com os talassas, ultra-reaccionarios com os reaccionarios, encontrámo-los ontem á noite a sairem da sacristia, vindos de combinarem planos de defêsa clerical com o reverendo abade, ardendo em zelos pela ortodoxia católica e esbravejando asnisses contra tudo quanto cheirasse a republicanismo.

Mas, hoje de madrugada, fômos dar com eles... a estudarem, apressados, uma discursata jacobina como mil diabos e ás horas das repartições lá andavam eles, os mesmos, já a bambolearem-se, agarrados ás casacas dos politicos ingenuos, protestando em calorosas frases o seu entusiasmo pelo regimen... que lhes désse um emprego!

Videirissimos videiros, estes arrangistas trépam, crescem, engordam, porque não teem vergonha nem nunca tivéram trabalhos ou responsabilidades a pertubarem-lhes a marcha.

O peor é que quando menos nos precátamos, nós, os velhos nésta luta pela Republica, nós os que trabalhámos nas horas em que pela frente nos apareciam as maiores dificuldades, os maiores perigos e os maiores sacrificios, nós, os sinceros e convictos defensores da democracia, encontramo-nos monteados por estes aventureiros e é de erguer as mãos ao ceu, quando eles nos não denunciam á policia como suspeitos... de lhes não aturarmos todas as impertinencias e de lhes não servirmos todas as ambições.

A Republica foi para muitos destes figurões uma sorte grande da taluda.

Mas de que eles nem se déram ao trabalho de comprar o bilhete porque o acharam no meio da rua —numa carteira que outros perderam!

Ora isto é nem mais nem menos do que uma carapuça talhada por medida e á feição dos freguêses a quem se destina. Os quaes freguêses não pódem deixar de ser os *adesivos* da Vera-Cruz, muito embora no numero esteja compreendido aquele outro *adesivo* que ultimamente tem aparecido ligado a esses réles politiqueiros com o manifesto intuito de se governar como manda a cartilha antiga dos não menos antigos e fedorentos troca-tintas, que emporcalham em Aveiro o partido do

sr. Afonso Costa, aonde se encostaram depois que viram por terra a monarquia de que foram fervorosos defensores por simples conveniencia, que não por outro qualquer motivo ou convicções.

Mas a culpa de terem medrado tanto os *videirissimos videiros, estes arrangistas que trepam, crescem, engordam, porque não teem vergonha nem nunca tivéram trabalhos ou responsabilidades a perturbarem-lhes a marcha*, não a temos certamente nós, não a tem a maioria dos velhos republicanos, de quem a *Liberdade* foi a primeira a afastar-se na errada suposição de que com isso lucraria por causa da influencia do sr. Barbosa de Magalhães junto do chefe democratico...

Agora, porém, a *Liberdade*, mostra-se irritada, estranha, porque os *aventureiros* são os que se governam á maravilha e *trépam* e *crescem* e *engordam* sem outras preocupações mais do que a necessária manha para procurar o apoio indispensavel de antigos republicanos que cubram e auxiliem, como se tem visto, todos os desejos que os taes *arrangistas profissionaes* manifestam de *bem servir a Republica* só para assambarcarem os logares rendosos, á maneira do dr. Nordeste, sem duvida o *adesivo* mais feliz de quantos *adesivos* o regimen aqui possue.

Até admira! A *Liberdade* a falar assim depois de se terem dado os casos que são do dominio público, chega a parecer um sonho... Contudo é uma realidade, que não póde passar despercebida, visto tratar-se de alguma coisa que merece registo na historia politica désta malfadada terra.

Como ao diante se verá com toda a clarêsa.

Naufragio

Quando na segunda-feira demandava a barra o hiate *Maria Miquelina*, da praça de Lisboa, mas procedente de Setubal com carga de cimento para a fabrica de ceramica de Jeronimo Pereira Campos & Filhos, encalhou ao sul do farol este magnifico barco, por falta de vento, o que mais uma vez vem confirmar a razão da existencia no nosso porto dum rebocador, ha tanto reclamado e prometido sem que com tudo até hoje se haja transformado em realidade essa justa aspiração da classe maritima.

O *Maria Miquelina* trazia como capitão Antonio Santos, natural de Aldegalega, sendo a restante tripulação composta de Eugenio Silva, Simões Santos, Francisco José Raimundo e Antonio Neto Gomes, todos algarvios, os quaes foram socorridos pela força de marinheiros destacada no posto, apenas o navio varou em terra.

Parte da carga assim como outros apetrechos do hiate encontram-se já a salvo, envidando as autoridades competentes os seus esforços no sentido de conseguir safar o *Maria Miquelina* do perigo que o ameaça.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 32$00 o vagon.

O DEMOCRATA no Pará

(E. U. DO BRAZIL)

MENSAGEM

Para juntar ás muitas provas de estima e solidariedade que até nós teem chegado não só do continente da Republica, mas ainda da Africa e Estados-Unidos do Brazil, onde o *Democrata* conta verdadeiros amigos entre o ilimitado numero de patriotas que naquélas longiquas regiões, felizmente, ainda existem, publicâmos a seguir a mensagem que três portuguêses nos acabam de enviar do Pará e que se nos penhorou pelo cunho de sinceridade com que a vêmos redigida, não menos certo é, tambem, que nos enche de orgulho pela expontaniedade dos seus autores, que pessoalmente não conhecemos, em se afirmarem, como se afirmam, entusiasticos admiradores da nossa obra profundamente democratica e republicana.

Eis os termos do documento, a cujos signatarios manifestâmos, como é do nosso dever, toda a gratidão que dimana do modo como se nos dirigem:

I. cidadão Arnaldo Ribeiro

Dig.mo director de O Democrata

Nésta terra hospitaleira em que nos encontramos, embora distantes da nossa querida Patria, não podemos deixar de partilhar das suas glorias, ou sofrer com as suas desditas. Assim pratica todo o verdadeiro português que se ufane de ter por berço do seu nascimento, esse torrão a que os poetas chamam — jardim da Europa á beira-mar plantado, *esse bélo e glorioso Portugal.*

Por este justo e patriotico motivo, acompanhamos todas as evoluções politicas e administrativas e folgâmos quando lêmos uma carta, um artigo ou telegrama, elogiando o modo governativo e financeiro dos homens da aureolada Republica, assim como repudiamos em espirito aquêles que a procuram enxovalhar por todas as fórmas de que se servem os degenerados e anti-patriotas, que colocam os interesses pessoaes acima dos interesses da Patria.

Não temos filiação partidária. E por este motivo é que apreciamos os politicos, rendendo o nosso preito de homenagem áqueles que se sabem impôr honrando o lugar em que a Republica os colocou, fazendo-a respeitar e engrandecer á vista dos povos civilisados. Felizmente, a verdade sobrenada no meio de todas as tormentas, mostrando os verdadeiros homens que merecem a distinção de sincéros republicanos.

O Democrata, *jornal justiceiro, que se tem mostrado desde sempre, um verdadeiro defensor da Republica e dos homens que a têm governado com acendrado patriotismo, leva-nos ao dever de confraternisarmos com a pessoa do seu Director, mostrando-lhe, por este meio, a nossa solidariedade pela maneira honrosa como encarou os ultimos sucéssos politicos.*

Apresentando-vos, pois, cidadão Arnaldo Ribeiro, as nossas sincéras homenagens, pedimos desculpa de vir, talvez, ferir a vossa modestia.

Com todo o respeito, de vós, nos subscrevemos sincéros admiradores.

Pará, 19 de Março de 1914.

Antonio Rodrigues Bandeira
João Gonçalves
Antonio Maria de Bastos

A "Soberania"

Ha muito que um *Bandarra* qualquer, na *Soberania do Povo*, de Agueda, altérna com o Eusebio no chorrilho de improperios e *profecias* a proposito do regimen, num crescendo de ousadia e de mentirosa canalhice que não podemos deixar passar sem o reparo devido.

Na ultima—*palestra politica*—o referido *Bandarra* acorda uma das suas profecias já anunciadas no estilo do costume, sobre a proxima *revolução* para a qual caminha incessantemente o país. Explica, comtudo, o moderno Jeremias, que se não refere á revolução monarquica. Essa, diz o patetoide, está sempre em marcha, mas não nos explicando em que direcção tal marcha se efectua, estamos no direito de julgar que ela se realisa de costas voltadas para Portugal... Assim, quanto mais marcharem, mais para longe levam o perigo revolucionario monarquico, que o tetrico *Bandarra* pinta com tão negras côres, ao mesmo tempo que põe em duvida que tal revolução vingue e nesse caso—*é cérta a morte do país!* A qual morte, porém, não viu o espertalhão nos tempos em que o país esteve a saque—quando o erario publico fazia indecorosos adeantamentos ao chefe do Estado e á sua côrte; os ministros se locupletavam com os rendimentos da Nação, abusando da fórma mais corruta e imoral das suas respectivas pastas; quando era completo e vergonhoso o descalabro da administração financeira de várias companhias desfalcadas pelos homens que nos cofres publicos metiam as mãos; quando as verbas para a beneficencia publica eram desviadas para o sustento das amantes dos devassos que superintendiam nos negocios do Estado—balcão onde se mercadejava toda a sorte de infamias, de violencias e de perseguições que se refletiam por toda a parte em variadas manifestações, como aqui, em tão larga escala, se deu com a fatidica preponderancia do sr. onde de Agueda.

Nessa época não havia razões, as mais leves sequer, para que *fosse cérta a morte do país!!!*

Agora sim, agora elas são aos centos, diz-nos o fatidico profeta e por isso antes da tal revolução monarquica, já indicada como o *bouquet* final de todas as outras, hade vir a republicana!

E para justificar tão sábia indicação, o celebre cronista, autor da *palestra politica* a que aludimos, desenvolve uma infinidade de razões que generosamente brotam de tão bem formada cabeça; mete dentro dela todos os seis milhões de habitantes de Portugal a pensar sem discrepancia como ele e depois de mostrar em labirintica exposição todos os casos provaveis e mais alguns que ele talha escreve ainda — *dirás tu, leitor amigo, se ha cousa mais cheia de logica do que um golpe de Estado a prefaciar uma revolução — a revolução republicana, para a qual caminhâmos e que, se um patriotico levantamento monarquico triunfante, antes não a evitar, dele será, por sua vez, o eloquente prefacio.*

Mesmo sem nos contarmos na conta dos *leitores amigos*, entendemos que nada ha, na verdade, mais logico, do que toda a logica do *ilustre* Bandarra.

E... não passa disso—creia o homensinho.

Miragens que a realidade desfaz, creatura do Senhor...

Semana Santa

Como o sr. Antanio José de Almeida continue na conquista do Algarve, politica e eleitoralmente falando, claro está, tendo em S. Braz de Alportel, o sr. Julio Martins, declarado numa das suas mais brilhantes orações ter descoberto diversos pontos de contacto entre o mesmo sr. Almeida e o *patriota* Machado Santos, o que produziu não só grande e justificado entusiasmo como incitou a tornar mais extensiva a conquista da referida provincia, não póde o sr. Antonio José de Almeida animar e honrar com a sua presença as anunciadas solenidades sacras desta semana, que aqui pretendia efectuar o partido evolucionista.

Por esse motivo a comissão politica encarregada da realisação do programa, penalisadissima com tamanha contrariedade, embora dela resulte um grande beneficio para o partido, como seja a completa adesão de toda a provincia algarvia ao evolucionismo—*unico partido, de facto, que corresponde ás necessidades sociaes da transição historica*, no dizer dum sr. Guerreiro lá do sitio; a comissão evolucionista encarregada da realisação do sacro programa, diziamos, adiou as festas da Semana Santa para o proximo Agosto, que é o mez das... pêras, sem duvida o mais apropriado desde que nada se poude fazer nesta época...

Pois é pena. O partido evolucionista local demonstrando como demonstrou, já, quaes são os seus propositos levanos á convicção de que ele, afinal, o que deseja é restabelecer o culto externo, unico motivo da sua constituição.

Logo vimos. Os correligionarios do sr. Antonio José o que querem é mostrar a opa. Isso e só isso é que lhes dá cuidado visto que mais nada temos notado que eles fizéssem de util para as instituições.

Pescadores de Aveiro

Foram já a Lisboa entregar a representação a que no numero passado aludimos, os delegados da Associação dos Bateleiros e Mercanteis da Ria de Aveiro, que juntamente com o presidente da comissão executiva da câmara municipal, sr. Bernardo Torres e o deputado dr. Marques da Costa, que os apresentou, conferenciaram com os srs. ministro da marinha e do fomento e o presidente da comissão central de pescarias sobre a fórma de atenuar a crise que a laboriosa classe está atravessando emquanto dura a proíbição da pesca com cértas e determinadas rêdes.

Os pescadores de Aveiro instaram mais uma vez porque lhes seja permitido durante os restantes dias de Abril o emprego da *chincha* e do *botirão* que desde os fins de Fevereiro se deixou de usar em harmonia com o regulamento, pedindo ao mesmo tempo que seja publicado o relatorio da comissão que ultimamente se ocupou do assunto, pois que com a publicação desse relatorio lhes serão dadas as compensações que a comissão entendeu justas e com que eles se conformam, não fazendo, assim, óposição á execução do regulamento; e, finalmente, que seja creado quanto antes o viveiro modelo, creação que está dependente apenas duma verba de 100$, que não tem sido dada pelo empecilho de formalidades burocraticas, pois que uma das repartições que no assunto teem interferencia está pronta a conceder essa verba.

O nosso amigo dr. Marques da Costa auxiliou quanto poude as pretenções dos comissionados, empenhando-se ainda por que, sem demora, seja tomado na devida conta o pouco que reclamam.

Continuando

Meu amigo

Despido de todo o sectarismo, desapaixonadamente, apenas analisando a frio, muito a frio mesmo, todas essas variadas farças que á sombra da palavra *religião* ha tanto os homens vem cometendo, quer no que nos indica, nos seus registos, a historia, quer aquelas de que vamos sendo testemunhas, cabe-nos o indeclinavel dever de apontar o que na semana finda se desenrolou no Porto. Nota, sem duvida, bem frisante, acontecimento tipicamente indicador de como se procura na existencia dum principio que deveria ser unico e a dentro de determinados logares que exigem o respeito, que justifique a sua exclusiva aplicação, o pretexto para demonstrações, não de quanto póde o verdadeiro sentimento religioso dos prosélitos duma doutrina, mas de quanto é capaz essa coorte de aristocratas *manquées* de mistura com as *madamas* que com tanta facilidade se prostam ante os altares dos idolos como se estorcem em lubrico prazer nos braços dos amantes...

O regresso do bispo Barroso á sua diocese de que, por decreto do govêrno da Republica, estava ha dois anos ausente por desrespeito ao poder civil, foi a causa determinante para que a reacção clerical, de mistura com os defensores do trôno, déssem expansão a todo o acrisolado afecto pelo seu pastor, animados assim na mais pura demonstração de sentimentalidade religiosa e sinceridade de crença.

Como?

Cumprindo algum preceito indicado nos mandamentos da Lei de Deus? Não. Engrinaldando a azul e branco o interior da Sé, em cujas naves ecoaram, como na sala duma casa de espetaculos publicos, as palmas e os vivas sonorosos, erguidos ao bispo no psicologico momento da sua entrada no templo, que representava para a assistencia o *jesuitismo*, o *clericalismo*, as *ordens e congregações*, a *politica catolica* e a *politica monarquica*, o *reisinho desterrado*, a *saudosa Amelia de Orleans com o seu séquito de frades e freiras*, a *legião* que habitou todos esses conventos, hoje aplicados em tão uteis serviços, *os pequenos auxiliares* da obra romanista, *os mil estratagemas* de que o falso catolicismo se serve para submeter e para vencer, a *cultura da Egreja*, emfim, que representa a religião suprema do erro e da superstição.

O bispo reunia na sua pessoa todas essas forças que tem conquistado o mundo e o aniquilamento de todas as liberdades.

Descreve-se a sua entrada.

As damas agitam os lenços numa furia insana; satura-se a atmosféra de perfumes sensuaes; a assistencia ondêa; ha apertões e frases significativas; as palmas soam e os vivas erguem-se emquanto o bispo, cercado pelo cabido e mais clero, esquecido tambem de que estava no templo de Deus, que cértamente não fôra creado para aquilo, vae ao altar e segue depois para o pulpito onde agradece a manifestação e nomeadamente a bela vivenda que a caridade evangelica e a piedade cristã de meia duzia de abonadas fidalgas lhe faculta para viver.

Referiu-se á furia duma tempestade que passou, mas que deixou arrancadas apenas folhas amarelas do tronco, que resistiu, o que prova, para mim, afinal, que o vento não foi tão violento como o apregoou o orador. Por fim lança a benção papal, que tivéra a graça de receber de sua santidade, e que caíu, *vivinha da costa*, sobre a assistencia, como se o proprio Pápa ali estivésse, em pessoa, a deital-a. Suporá o leitor que a benção veiu em qualquer frigorifero, bem acondicionada, e por isso assim chegou fresca como se viu? Não. A benção veiu pelo telegrafo e, como a experiencia tem mostrado, a rapidez obtida no seu percurso por o emprego deste procésso, permite sempre a fresquidão com que ela chega...

Segue-se depois a celebração do *Te-Deum*, tocando, no côro, a grande instrumental, a orquestra da capéla de Santa Cecilia e achando-se junto ao altar-mór a grande comissão de senhoras que promoveu a festa e a manutenção do prelado na capital do norte.

Mas em toda essa cerimonia não ha em nenhum dos rostos presentes um sinal sequer de religiosidade, de devoção, de elevação de espirito á mansão celestial. Uma sombra leve e tenue de misticismo, leve e apagado indicio de traço entre a alma humana e o espirito divino. Nada, nada, sempre nada.

Apenas se nota, sem dificuldade, em todas as fisionomias, a vaidosa satisfação que invade a *nobrêsa* desvanecida pelos efeitos da reunião que tinha ido um pouco além do que se esperava. Não fôra só uma manifestação monarquico-reaccionaria, mas uma aberta e clara provocação ao regimen.

Apagada a ultima nota musical e perdida a derradeira frase do *Te-Deum Laudamos*, o bispo sae, seguido de duzentos trens que se dirigem para a formosa quinta de Sacaes, sua nova residencia, onde passando á *sala do trôno*, deu recepção, concorridissima e brilhante, pois nela tomaram parte, como na festa da egreja, aristocratas da velha e nova rocha, gente de brazão, reconhecidos conspiradores monarquicos, a fidalguia, emfim, cuja linhagem assenta na importancia dos juros das suas... inscrições.

Toda a assistencia ardia em fé, envolvida pelas chamas purificadoras da sinceridade duma crença.

Por Deus? Não, pelo bispo— Deus de carne e osso, palpitante, vivo, animado...

Aquele Deus sim, não o outro de que reza o Evangelho! Pois quê? Então é crivel admitir-se a preferencia do *Outro* que nasceu numa mangedoura; que viveu repartindo o seu proprio vestuario; que foi modesto, bom, santificado e divino; que dormia pelos montes; que, medindo a grandeza e horrores do seu sacrificio, marchou para ele, estoico e grandioso, como um justo, que era, sentenciado, descalço e açoitado, conduzindo, ele proprio, o instrumento do seu martirio; que nele é pregado e erguido no Calvario onde morre, exclamando —*perdoai-lhes, Senhor, que não sabem o que fazem?*

Refinada hipocrisia, revoltante mentira!

E' lá possivel que seja esse Deus, essa crença, essa religião que o sr. Barroso, bispo do Porto, representa na terra?

Não, não! O bispo do Porto se representa alguns Deus na terra é aquele que anda coberto de sêda, que anda de trem, que habita quintas e se senta em trônos, feito assim á imagem e semelhança dos grandes, dos potentes que vivem da exploração e só dela!

Por isso na festa da semana finda não apareceu ao menos, em visão, o Rabi, de face palida e alterada, azorragando os vendilhões de hoje como fizéra, então, no templo, segundo ensina a lenda. Mas, como um grito de protésto e de condenação, o sabre do civico n.º 454 foi como que o latego cruel que fustigou a nobrêsa e o clero nas pessoas de Ferreira Pinto, Adolfo Pimentel e *monsenhor* Leitão, conego da Sé de Vizeu, que se arrogam os representantes de todos os falsos adeptos de Deus em que se escudam para a realisação das suas represalias e revinditas.

Está bem. E abençoado seja o sabre do 454 que na sua reacção á espadeirada correspondeu, em verdade, á tentativa da acção dos novos vendilhões...

S. M. J.

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

Congresso republicano

Como ficou assente o ano passado na ultima sessão do Congresso do Partido Republicano Português, reunido nésta cidade, é a Figueira da Foz a terra escolhida para o que tem logar nos dias 25, 26 e 27 deste mez, segundo deliberação do Directorio, pelo que em toda a parte se trata de nomear os respectivos delegados que nele hão-de tomar assento como representantes das agremiações partidarias.

Pelo que diz respeito a Aveiro sabemos que irão ao Congresso da Figueira da Foz os seguintes cidadãos: pela comissão municipal republicana, Antonio Maria Ferreira; pela comissão paroquial da Gloria, João Augusto Rosa; pela comissão paroquial da Vera-Cruz, João da Cruz Bento e pelo *Centro Escolar Republicano*, Alfredo Nordeste.

Além destes ainda outros congressistas do concelho ali compareceram, do que daremos nota apenas tenhâmos conhecimento da lista completa.

Notas mundanas

Na sua casa de Agueda deu á luz um menino, a virtuosa esposa do sr. Manuel de Souza Carneiro, nosso bom amigo e dedicado republicano, a quem felicitâmos.

= Foi passar alguns dias a Verride com sua familia o sr. dr. José da Gama Regalão, digno juiz de direito desta comarca.

= Veio a Aveiro e visitou-nos no principio da semana, o sr. Julio Henriques Pereira de Castro, que em Alquerubim é proprietario do importante estabelecimento comercial, A Democrata.

= Tambem estivéram na nossa redacção os srs. João Maria da Silva Henriques e sua interessante filha, de Veiros e Americo de Azevedo, de Cacia, cujos cumprimentos muito lhes agradecemos.

= Fixou residencia nesta cidade a sr.ª D. Laura Moraes, viuva do sr. Evangelista de Moraes, ha anos falecido em Vagos.

= De visita a sua veneranda mãe e irmãos, encontra-se em Aveiro, vinda do estrangeiro, a sr.ª D. Laura Mendes Leite, esposa do sr. D. João de Almeida, heroe dos Dembos.

= A passar estes dias seguiram para Albergaria e Vizeu, respectivamente, os srs. drs. Eduardo Silva e João Ferreira Gomes.

= Embarca por estes dias para Santos, E. U. do Brazil, o sr. Manuel da Silva Pereira, ali do visinho lugar das Aradas.

Bôa viagem e muitas felicidades.

A verdadeira religião

O velho e honrado cidadão Antonio da Cruz Bento, chefe da casa comercial desta praça Cruz Bento & Filhos, enojado com a politica réles que a dentro de determinadas confrarias por aí se está fazendo e que assim confunde a sua missão com caprichos e teimosias improprias do seu fim, exonerou-se de irmão de algumas delas o que não impede que em harmonia com a sua consciencia e deveres de bom cristão, deixe de cumprir actos de verdadeira caridade e altruismo.

Assim, ontem, mandou distribuir por um grande numero de pobres enfermos uma avultada quantia, que cértamente foi para todos esses infelizes um apreciavel lenitivo á sua miseria e sofrimento.

Bem haja o honrado velho que na modestia do seu nome e da sua pessoa tão alevantadamente compreende os deveres da verdadeira religião, consolando os tristes com a sua caridade e filantropia.

Feira de Março

Voltou no domingo bastante gente de fóra a Aveiro pelo que esteve enormemente concorrido este mercado.

Os feirantes mostram-se satisfeitos pelo numero de transações efectuadas.

O dia conservou-se lindissimo.

FESTA MILITAR

—=(*)=—

A entrega duma rica bandeira ao regimento de infanteria 24

O *Grupo de Defêsa da Republica*, que nésta cidade se organizou após a implantação do novo regimen, recolheu donativos para a factura duma bandeira nacional que seria ofertada ao regimento de infanteria 24, como reconhecimento pelos serviços por ele prestados na fronteira em defêsa da Patria e das instituições quando da incursão das renegadas hostes de Couceiro.

Assim, acaba de nos comunicar a comissão de tal encarregada, de que é presidente o nosso bom amigo e dedicado correligionario Bernardo Torres, que tal acto se realisará com a maior solenidade no domingo, 26 do corrente, dia tambem destinado ao juramento de bandeira que farão os recrutas de ambas as unidades aqui estacionadas.

Não está ainda definitivamente organisado o programa das festas que se efectuarão comemorando a entrega da bandeira, mas sabemos já que ele abrange numeros que produzirão vibrante e quente entusiasmo, acordando em todos o elevado e grande amor que devemos por esta Patria tão querida, muito embora a pretendam ferir vilmente, como o teem demonstrado, os mizeraveis que acima de tudo colocam as suas paixões, os seus odios e a indigna pequenez do seu patriotismo.

Teremos, pois, um acto nobremente alevantado a que todos os aveirenses, como bons e patriotas cidadãos, teem o dever não só de dar o seu mais vivo aplauso como o de engrandecel-o com a sua presença.

Segundo nos consta tomarão parte na brilhante festa os marinheiros aqui destacados, forças da guarda fiscal, bombeiros, todas as colectividades, funcionarios e autoridades civis a quem vão ser enviados os respectivos convites.

Deve por isso atingir desusado entusiasmo e brilho a festa a que largamente nos havemos de referir, para o que trabalha com todo o afan o *Grupo de Defêsa da Republica* local, que é merecedor do mais vivo aplauso, pelo seu trabalho e boa vontade no desempenho de tamanha taréfa.

Sons... que passam

O *Camaleão* descobriu agora—já não é a primeira vez—que *a cidade está sem administrador, sem comissario, sem policia, sem segurança, sem vigilancia de qualquer especie*. E porquê? A razão é simples: porque Filinto Feio, sendo um republicano da velha guarda, nunca, até hoje, se misturou com a cambada da Vera-Cruz, ligando-lhe a importancia que a sua categoria de *adesivos* repugnantes lhe merece. Só por isso.

Mas como se péde ao sr. dr. Augusto Gil que levante esta terra *ao nivel moral a que éla tem direito de erguer-se*, deixe-nos sua ex.ª prevenil-o de uma coisa: é que primeiro abra um inquerito para conhecer da moralidade dos que assim lhe falam visto como só déssa maneira poderá conseguir uma perfeita obra de saneamento, começando por enterrar fundo os que tão deslavadamente fingem não se conhecer...

E quanto ao comissario tem essa obrigação sobre ele impende—mandal-os onde Cambrone mandou os inglêses...

UM CONSELHO UTIL

E' ainda o verdadeiro XAROPE FAMEL o unico medicamento de resultados garantidos nas tosses, quaesquer que sejam, nas bronquites, etc. A êle se devem curas verdadeiramente maravilhosas como o atestam numerosos certificados de medicos e doentes que tenho em meu poder.

Cautéla pois, contra as imitações. Exigir no pé de cada caixa o endereço seguinte: rua dos Sapateiros e nos topos a assinatura FAMEL.

Necrologia

Comunicam de Albergaria-a-Velha ter falecido na sua quinta de Lagos o rico proprietario, sr. dr. Manuel Luiz Ferreira, pae do nosso antigo companheiro de estudos, dr. Carlos Luiz Ferreira.

O extinto era um verdadeiro homem de bem, tendo exercido vários cargos publicos no tempo da monarquia, em que têve bastante preponderancia que ainda hoje se refletia nas simpatias de que gosava.

A todos os que o deploram, mas especialmente a seu filho Carlos, o nosso cartão de pêsames.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

ABRIL

DIAS	PHARMACIAS
12	MOURA
19	LUZ
26	RIBEIRO

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Carta de Africa

—=(*)=—

Beira, 15 de Março

Com destino a Lourenço Marques, esteve alguns dias entre nós acompanhado de sua ex.ma esposa e filhos, o ilustre republicano sr. Artur Marinha de Campos, que pelo govêrno da Republica foi encarregado da ardua missão de estudar o regimen dos prazos da Zambezia.

Sua ex.ª foi cumprimentado a bordo por alguns republicanos residentes nésta cidade.

=De regresso de Londres para onde tinha partido no goso de licença graciosa, chegou ha dias o célebre *Marabú*, subdito inglês, inspector de finanças da Companhia de Moçambique.

O mais engraçado, é que o governador da Companhia de Moçambique parece estar sob as ordens deste, dando em resultado os operarios das Obras Públicas só receberem o seu vencimento do mês de Feveiro em 16 do corrente, em virtude da pressão que o *Marabú* faz sobre a Direção Geral.

O que o Govêrno devia fazer era acabar com todas as companhias magestaticas, porque só assim é que deixariam de existir estrangeiros empregados em companhias portuguêsas, e que ganham somas fabulosas.

=Está de luto pelo falecimento de seu sogro, o nosso amigo sr. Abel Francisco, proprietario e agricultor, em Macequece.

Os nossos pêsames.

=Pelas 2 horas da manhã do dia 9, deu-se uma derrocada na casa onde habitava o nosso amigo Heitor Alves Morgado, 1.º escriturario da Secretaría Geral, sofrendo este apenas umas pequenas contusões pelo corpo.

=Parte no dia 18 do corrente para a Zambezia e Moçambique, o nosso amigo Henrique Camelin, secretário da *Emprêsa de Propaganda e Fomento da Africa Oriental Portuguêsa*.

C.

Transcrição

O nosso colega *A Rotunda*, de Shanghae (Republica Chinêsa) reproduziu nas suas colunas o artigo do *Democrata* intitulada—*A queda do ministério*—acompanhando-o de amaveis referencias que muito lhe agradecemos.

Livros, Revistas & Jornaes

—=(*)=—

O Coração das Mulheres, *arte de amar e ser feliz*, pelo dr. Graells.

Está publicado mais este interessante volume da nova *Bibliotéca Popular Scientifico-sexual*, cujo sumario é o seguinte:

A mulher e o amor.—A timidez e a ousadia.—A ingenua, a esperta, a coquete e a mulher galante.—Pensamentos, opiniões e conselhos.—As solteiras, as casadas e as viuvas.—Como se provocam paixões, etc.

O volume é de 96 paginas, custa apenas 10 cent. e encontra-se á venda nas principaes livrarias, devendo os pedidos serem dirigidos directamente ao editor Francisco Silva, Livraria do Povo, rua de S. Bento, 216-B—Lisboa.

=Acaba tambem de ser posto á venda num volume **As formações naturaes**, pelo dr. Almaquio Diniz e a **Classificação nova dos delinquentes**, pelo dr. José Ingenieros.

São estas duas obras que constituem o 24.º volume da *Bibliotéca de Educação Nacional*. A primeira, original de alto valor cientifico e filosofico, honra a nova serie pela profundeza da erudição e arrojo das concepções que bem demonstram quanto o seu autor, o dr. Almaquio Diniz, uma das mais fortes envergaduras intelectuais do Brazil, sabe caminhar por entre os mais complexos e delicados problemas que solicitam a actividade do mundo cientifico. **As formações naturais** são livro de leitura proveitosa e contribuem muito para o conhecimento consciente e filosofico do cosmos. **A classificação nova dos delinquentes,** obra dum argentino, dr. José Ingenieros, vantajosamente conhecido no mundo dos criminalistas modernos, resolve alguns pontos litigiosos e estabelece em bases scientificas e racionais um dos pontos mais interessantes da criminalogia moderna. Traduziu-a Agostinho Fortes com o cuidado e carinho que lhe merecem todos os trabalhos honestamente feitos no campo scientifico, sem alardes de fancaria avariada.

O preço de cada volume é de 20 cent. brochado e 30 cartonado encontrando-se á venda em todas as livrarias, ou então na **Tipografia Gonçalves,** R. do Mundo, 14—Lisboa, para onde pódem ser enviados os pedidos.

=Da mesma casa, que é a unica que está publicando em folhetos todas as leis da Republica desde a sua implantação, recebemos egualmente o **Manual de Requerimentos,** para todos os casos em que é possivel evitar a intervenção de advogado ou procurador e cujo sumário é como segue:

Ao leitor—Indicações gerais—Assistencia judiciaria—Modêlo para pedir assistencia judiciaria, certidão e o atestado, e substituição do advogado ou do solicitador; de recurso para a Relação e para desistir da assistencia—Contribuição industrial—Tabela das industrias isentas de contribuição—Modêlos para pedir escusa de vogal da Junta de Repartidores, com diversos fundamentos e para reclamações e recursos—Quadro das operações de lançamento e cobrança—Acções e execuções por pequenas dividas—Modêlos de petições e impugnações—Formulas para requerer execução—Modêlos de impugnação; exceção de incompetencia; aditar o rol de testemunhas; impugnar este pedido; recorrer de sentença final e embargos de terceiro—Inquilinato: Acções de despejo; Petição inicial; Arrendamentos; Para a liquidação da renda em generos; Citação, 5 modêlos para as diversas hipoteses; Modêlos de Impugnação e do rol de testemunhas; Outra fórma de processo; Sub-locação e notificação; Despejo de sub-locatario; Modêlos para requerer a deserção do recurso e para ser mantido na posse do predio—Assuntos diversos—Requerimento para exclusão do serviço de jurado—Modêlos de reclamação para ser excluido do recenseamento de jurados por motivo de impedimento fisico e de recurso da decisão da comissão recenseadora de jurados—Modêlos para ser abatido o imposto das minas e de petição para ser convertido em renda anual fixa o imposto proporcional sobre minas—Petição dos reus, que estejam cumprindo pena, para indulto ou comutação—Jurados comerciaes, instruções—Registo criminal; folha corrida, modêlo de petição—Processo nos tribunaes de Arbitros Avindores; modêlos para acções nos mesmos tribunais—Modêlo para requerer a admissão de um menor na Casa Pia—Requerimento para ser inscrito eleitor—Reintegração no exercito—Tutoria Oficial e Correcção de Menores—Requerimento para pedir entrada nos liceus—Revisão de sentenças, modêlo de requerimento—Esclarecimentos sobre contribuições e sobre a lei do inquilinato.

Custa cada folheto destes apenas 25 centavos e póde ser adquirido nos locaes a que acima fizémos referencia.

=Do sr. Vitorino Coelho recebemos um volume intitulado—**Exposição scientifica do Metodo Dolivaes**—no qual o jogo é combatido com grande copia de argumentos emitindo o seu autor a opinião de que este se não póde extinguir radicalmente por disposições coercitivas e algumas vezes contraproducentes, mas pela convicção profunda de cada homem de que o jogo é a maneira mais estupida de dissipar o dinheiro que nos sobeja, quando não é o que nos faz falta.

E' um livro bem escrito, agradavel e que se recomenda essencialmente pelo aturado e consciencioso estudo que o determinou.

=Pela *Sociedade das Aguas da Curia* foi-nos enviado o relatorio e contas da direcção e parecer do conselho fiscal relativo ao ano de 1913, onde se consigna o estado prospero da emprêsa que levou a cabo um dos melhores e mais uteis empreendimentos no districto de Aveiro.

Muito gratos por todas as ofertas.

=No Porto, em Braga e Ceia começaram a publicar-se respectivamente a *Revista Horticola, Justiça* e *Ceia Fraternal*, periodicos de que nos foram enviados os primeiros numeros.

Os nossos cumprimentos.

=*O Povo*, nosso coléga lisbonense, vai iniciar no proximo dia 20 a sua publicação diária contando para isso com a colaboração de muitos e distintos escritores de nome.

Agostinho Fortes está escrevendo a historia do partido republicano português, que sairá em folhetins, assim como outras produções de alto valor que *O Povo* anuncia e bastante hão-de contribuir para as suas prosperidades.

Antecipadamente lhe enviâmos cordeaes felicitações.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

A sério

—=(*)=—

O *Correio de Aveiro*, de 29 de Março ultimo, permitiu-se a liberdade de inventar na sua terceira pagina uma historieta, pelo mesmo motivo porque um ébrio entra numa taberna...

A residencia da egreja de Esgueira convertida num lupanar. São as suas afirmações.

Em primeiro logar a *residencia* não é da *egreja*, é do *paroco*. Na egreja ha os altares, o sacrario e as imagens. Na residencia ha a cosinha, o sotão, a sentina, a cama e o *pot de chambre*. Não confunda o inventor.

E' falso, é redondamente falso quanto diz, quanto assoalha, quanto escabuja. E' dos seus habitos inventar e portanto caluniar. Informe-se. E se permite, damos-lhe um conselho: não transcreva na imprensa quanto lhe dizem, sem primeiro saber o que lhe dizem e saber o que diz. Que afinal é dificil e mesmo impossivel, concordemos, para muita gente saber o que diz ou o que escreve.

Isto, por agora.

Comunicados

De Manáos

Sr. redactor do *Democrata*

Levando em conta a minha qualidade de antigo assinante do conceituado jornal de V. peço para dar publicidade ás transcripções que se seguem, a fim de destruir uns boatos que alguem, meu desafecto, gratuitamente fez espalhar em Alquerubim (minha terra natal) procurando, assim, amesquinhar a minha pessoa; mas, como a arma do covarde é a *calunia*, deixo os comentarios a quem conhecer os factos.

Seguem-se as transcripções, a primeira das quaes do *Jornal do Comercio* de 10, 11 e 12 de dezembro ultimo:

Ao comercio e ao publico

Para os devidos efeitos declaro que em data de 18 de novembro ultimo foi dissolvida a firma Almeida & C.ª ficando todo o activo e passivo a cargo do socio José H. Almeida, que continua com o mesmo ramo de negocio, retirando-se o abaixo assinado livre e desembaraçado de todo e qualquer ónus ou responsabilidade.

Manáos, 10 de dezembro de 1913.

(a) *Clemente R. Almeida*

Da *Folha do Amazonas* de 26, 27 e 28 de fevereiro:

Ao comercio e ao publico

O abaixo assinado declara que nada deve nesta praça ou fóra dela; entretanto se alguem se julgar seu crédor queira apresentar seus titulos ou contas, para serem conferidos e pagos no seu estabelecimento, antiga *Padaria Patria*, á estrada Epaminondas n.º 114.

Manáos, 26 de fevereiro de 1914.

(a) *Clemente R. Almeida*

Anexos vão os respectivos jornaes, para V. pôr á disposição de quem quizer verificar o que deixo exposto.

Grato pelo favor, sou

De V.

Admirador e assiduo leitor do *Democrata*

Manáos, 3 de março de 1914.

Clemente R. Almeida

CARTA

—=(*)=—

Sr. redactor

Permita-me, que mais uma vez tome espaço ao seu muito conceituado jornal, para restabelecer a verdade que, de quando em vez, creaturas desmioladas deixam mal ferida.

Vem agora á estacada *Elmusa*—que nome tão simpatico!—mais um assalariado arauto da calunia baixa e soez.

Medindo *Elmusa* do fim para o principio, fico em frente de Samuel. Será o *meu Samuel*, o arbitro da eloquencia e do bom tom? Estou capacitado de que ele não assina de cruz, como o célebre sapateiro que agora trocou a penna *brilhante* pela faca com que corta o coiro.

Sinto muito que não continue, meu caro Joaquim Santos, a deliciar-nos com as suas cartas, cuja *correção* era um primor de *hortaliça*, bem condimentada com azeite!

Mas... o sr. não tem culpa.

Deixemos o ridiculo para outra ocasião que se nos depare propicia, e vamos ao ámago da questão.

Não sei, sr. redactor, se *Elmusa* faz parte do rebanho de Panurgio. Conhece, pelo menos, aquele dito de Voltaire: *menti, menti sempre, porque da mentira alguma coisa fica*. Eis o motivo que traz á sopuração um profissional da mentira.

Elmusa, com a sua carta saturada de odio e pejada de falsidades, pretende atassalhar a honra, deprimir a competencia e o zelo do digno professor désta freguezia. Alguns senhores—entre os quaes talvez tenha logar de destaque *Elmusa*—movem-lhe uma guerra sem quartel, votam-lhe um odio

sem guarida por causa das ultimas eleições paroquiaes. Disse-o na outra carta e repito-o nésta, sem receio de ser desmentido.

A carta do meu caro *Elmusa* é uma chaga a verter purulencias que pedem cauterio. Começa ele por confirmar a *verdade* narrada na carta do sr. Joaquim Santos.

Lastimo que tenha o *bom gosto* de confirmar e *ampliar* a asneira.

A seguir diz que o *povo devido á antipatia que o professor gosa, por se tornar mais interesseiro pelo leite do que pela instrução, resolveu não lh'o vender.*

Você, *Elmusa*, não tem vergonha de mentir? Sabe muito bem —se não sabe, fica sabendo—que todos os lavradores—salvo dois ou três—venderam o leite ao sr. José Maria Tavares Dias até ao dia quatorze de dezembro ultimo e que, no dia quinze de manhã, alguem andou de papel e lapis em punho a arengar ás turbas, exortando-as a não mais vender o leite ao *traidor*, chegando mesmo—se não me falha a memoria—a ameaçar as mulheres, encarregadas de levar o leite á fabrica do dito sr.

Diga-me, meu simpatico *Elmusa*, em que deve passar o tempo o professor, depois de haver dado aula aos alunos?

E' obrigado a estar sempre agarrado ao *verbo*, compulsando os livros da celebre *bibliotéca* que possue—quantos volumes?

O tempo bem aproveitado dá para tudo, graças a Deus ou ao Diabo—á escolha do freguez.

Diz tambem *Elmusa* na carta que *a escola esteve fechada desde agosto até dezembro preterito, servindo esta durante esse tempo de palheiro.*

Então você, *seu Elmusa*, chama palheiro a uma escola?

Já não simpatiso comsigo.

Parece-me que viu ou vê muita palha. No vestibulo da escola poderia ter estado um ou outro feixe de palha durante o tempo em que esteve fechada; no salão destinado ás creanças, nunca. Porque não disse, *Elmusa*, a razão que levou o ilustre professor a abrir a escola em Dezembro? Não sería por estar doente? Caem-lhe todos os dentes, se continua assim a mentir.

Outras passagens da carta estão já refutadas na que dirigi ao sr. Joaquim Santos. Deixe-me dizer-lhe, sr. redactor, que todos aqueles que se empenham nésta ingloria campanha, naufragaram *per omnia*, no pélago do descredito publico. Todos condenam asperamente—excepto os da grei—o vil procedimento desses srs., apostados em aniquilar um homem, que teve a infelicidade de cair num meio onde o vicio passa por virtude e a mentira por verdade! Estou no proposito de não discutir mais a sério com os cegos de espirito; amarral-os-ei ao pelourinho do ridiculo.

O tribunal da opinião pública relegou-os, ha muito, para o cesto dos papeis inuteis. Permita me, sr. redactor, que enderece os meus sincéros emboras ao sr. Joaquim da Costa Santos, por ter deixado de ser um catavento, girando inconscientemente á mercê da inspiração alheia.

Não é mais o automato da vontade daqueles que covardemente permanecem envoltos em sombras.

Meu caro Santos,—não deixe explorar mais o seu analfabetismo!

O meu caro e simpatico *Elmusa* deve seguir um conselho que lhe vou dar: não faça correr Niagaras de tinta com esta malfadada questão, nem quebre a espinha a fazer venias ao sr. inspector escolar: vá falar com ele pessoalmente.

O sr. José Maria Tavares Dias não teme, deseja a sindicancia.

Até... quando quizer.

Pela inserção désta carta, muito grato lhe fica o que se assina

De v. etc.,

Pindelo, 6—4—914.

Antonio Corrêa Godinho

CORRESPONDENCIAS

Nariz, 5

Esteve na passada quarta-feira nésta freguezia o sr. Bernardo de Souza Torres, presidente da comissão executiva da Câmara Municipal de Aveiro.

Esta visita, creio, foi solicitada pelo sr. Manuel dos Santos Silvestre, mui digno membro da mesma Câmara, para serem examinados os intransitaveis caminhos, que vão ser reparados graças aos esforços do sr. Silvestre.

Nariz que já muito deve ao citado vereador por os enumeros melhoramentos introduzidos na freguezia, muito mais lhe vai ficar devendo depois de concluidos os trabalhos a que muito em bréve se vai dar principio.

Os melhoramentos a que me refiro são: a reconstrução do ramal de estrada de S. Bento a Nariz; o calcetamento do lastimavel caminho das *Fontainhas* e o aterramento da lagôa de Mira, á entrada da Viela do Val do Rato, assim como outros que o sr. Silvestre tenciona propôr á Câmara. Mas vamo-nos contentando com estes que já não é pouco. Devagar se vai ao longe.

=Está passada a quaresma faltando apenas uma semana. Todas as pessoas, que estão por desobrigar (confessar) e o não fizérem durante a semana corrente, tendo a infelicidade de morrer, depois da quaresma, não contem que lhes assista ao enterro nem tão pouco consinto que qualquer padre entre dentro désta egreja!!! Palavras proferidas á missa no domingo, 5, pelo revd.° Francisco Massádas e que reproduzimos com vista ao sr. administrador do concelho.

C.